

Inesc: uma introdução

Eduardo Beira

Em primeiro lugar tenho que agradecer a presença dos principais protagonistas do INESC (Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores), que aceitaram estar aqui para, vinte anos depois, falar em conjunto sobre um projecto que marcou de forma inequívoca os últimos vinte anos das tecnologias de informação em Portugal.

Há dois ou três anos, tive oportunidade de fazer um conjunto quarenta a cinquenta entrevistas com gestores de empresas portuguesas de tecnologias de informação (integradas no projecto ET2000). Se encontrei algo comum a quase todas essas entrevistas, feitas durante o primeiro semestre do ano 2000, foi que de uma maneira ou de outra, pelo bem ou pelo mal, quase toda a gente me falou do INESC de uma maneira forte, o que mostra quanto esta experiência institucional marcou os últimos vinte anos portugueses.

Em 1980 no IST (Instituto Superior Técnico) havia um IBM 4300, no Porto tinha-se acabado de passar de um NCR Elliot 4100 para um Ciber da Control Data, e tinha-se iniciado o CIUP (Centro de Informática da Universidade do Porto). Em Coimbra o grupo do PC português conhecia uma substancial criatividade. Em Braga havia uma empresa chamada Datamatic que se aventurava pela primeira vez a criar um integrador português. É neste contexto de um fervilhar de ideias, tão característico dos princípios da década de 80, que surgiu o INESC.

Vinte anos depois saúdo a oportunidade que termos aqui hoje os protagonistas da altura. O objectivo não é certamente fazer um julgamento ou um exame, mas reviver as suas visões, as suas experiências pessoais e como é que eles vêm o impacto que o INESC teve na sociedade portuguesa, especialmente na área das tecnologias de informação.

Para introduzir a sessão recordava uma frase de uma entrevista que fiz com o Professor José Tribolet, integrada no já referido projecto, em que ele dizia sobre objectivo do INESC era (os sublinhados são da nossa responsabilidade):

*Essas metas são simples: **produção de conhecimento e produção de pessoas**, esta é a missão fundamental do INESC. A melhor maneira de **produzir pessoas com conhecimentos embebidos, com download de conhecimentos num chassis humano, é através de uma pratica de investigação e de desenvolvimento**. O produto dessa investigação e desenvolvimento, numa primeira aproximação é irrelevante. Quem acreditar que neste país vamos fazer investigação e desenvolvimento com produtos que depois de patenteados, vamos vender à escala mundial é que é daí que alimentamos a investigação, é parvo da cabeça e nunca percebeu o que é a dinâmica do sistema.*

Recordo também uma passagem de uma conversa, integrada no mesmo projecto, com o Professor Borges Gouveia:

*O Inesc permitiu uma organização por grupos ou por blocos, com uma parte administrativa estruturada, com uma **contabilidade por projecto**, o que foi importante para avaliar o impacto de cada projecto e o impacto dos financiamentos sobre as realizações. Pela minha experiência, essa foi a questão mais importante que o Inesc originou na década de 80 .*

*Nessa altura não havia uma cultura por projecto, e sobretudo não havia uma **cultura orientada a um objectivo associado a um financiamento**. Isso não havia e foi o Inesc que o introduziu de uma forma muito objectiva, com um grande apoio das questões organizacionais em que as **infra-estruturas de investigação apareciam com o apoio de técnicos e pessoal administrativo**, o que não era sonhável na altura.*

E não posso deixar de a cruzar com outra citação do Professor José Tribolet (na referida entrevista):

***Acreditava que as práticas de gestão que temos no INESC poderiam transformar o sistema.** Tenho contabilidade analítica desde 85, mas não há contabilidade analítica em nenhuma Universidade do Estado. Julgava que as pessoas perante o sucesso da operação daquele modelo, iam fazer o mesmo.*

Nas várias citações, os sublinhados são da nossa responsabilidade.

Vinte anos depois, a palavra aos protagonistas.